

# MEMÓRIA VIVA



## Resgatando a identidade cultural

**A**inda como parte das comemorações dos 444 anos de Vitória, a cidade ganha um projeto para resgatar traços importantes de sua identidade cultural. O Projeto **Memória Viva** valoriza personagens ou manifestações típicas da ilha, como os catraieiros, as desfiadeiras de siri e os pescadores que fazem a Procissão Marítima de São Pedro. Através de pesquisas de campo estão sendo recolhidas informações sobre estes grupos. O resultado será apresentado ao público sob a forma de uma exposição de fotos, um vídeo-documentário e um álbum com fotos e texto. Desenvolvido pela Secretaria de Cultura e Turismo da PMV, o projeto acontecerá em etapas independentes. A primeira delas, sobre os catraieiros da Baía de Vitória, será lançada amanhã, às 20 horas, na Escola de Arte Fafi. A tomada de dados dessa etapa foi feita pela professora Léa Brígida de Alvarenga Rosa. Já a confecção dos textos ficou a cargo dos historiadores Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves, que farão a pesquisa e redação final das duas próximas etapas, abordando as desfiadeiras de siri e a Procissão Marítima de São Pedro.

### Alvarito Mendes Filho

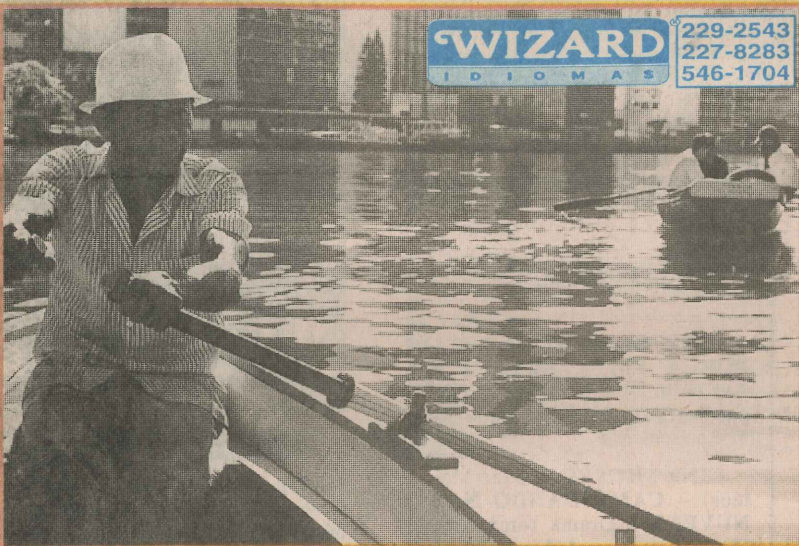
**A** catraia é uma atividade que movimentava a Baía de Vitória há mais de um século. Seu período áureo foi durante a época dos bondes, meio de transporte utilizado em Vitória e Vila Velha até o início dos anos 60. Mas há registros históricos e literários da existência de catraieiros em serviço regular desde o começo deste século. E, segundo os historiadores Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves, a forma como foram feitos esses registros sugere que o início da atividade se deu bem antes, ainda no século passado.

Os catraieiros da Baía de Vitória são os primeiros a serem privilegiados pelo Projeto **Memória Viva**, forma encontrada pelo secretário municipal de Cultura, Jorge Alencar, para valorizar a participação de pessoas que sempre tiveram grande importância na vida da cidade, mas que nunca receberam o destaque merecido. “Este o nossopa-

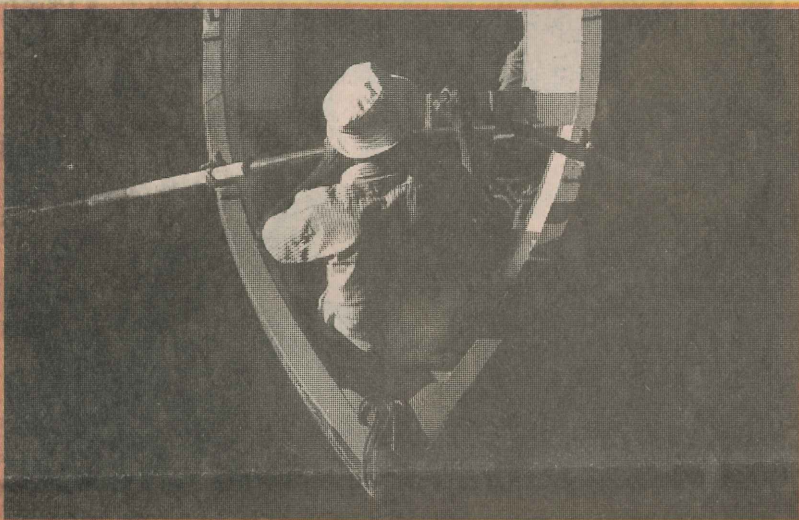
traieiro antigo, João Santana do Nascimento, 72 anos (na atividade há 33), as idas de botes até o Convento da Penha também eram comuns. Da mesma forma que os passeios turísticos pela baía, a preço previamente combinado.

O movimento de passageiros era grande mesmo à noite. Em dias de vento forte, os catraieiros costumavam lançar mão do uso da vela (embora isso não fosse o habitual), para apressar a travessia. Um dos relatos, que mencionam a catraia, foi feita por Ceciliano Abel de Almeida, que viria a ser o primeiro prefeito de Vitória, durante o Governo de Jerônimo Monteiro. O escritor incluiu em sua obra **Desbravamento das Selvas do Rio Doce**, a seguinte narrativa: “Não fomos bastante providentes. Não contamos com a maré vazante e com distância do cais, fronteiro ao Hotel Europa, a Porto Velho. Quando o catraieiro dobrou a Ilha do Príncipe, com remadas rápidas e vigorosas, o sino da estação provisória deu a partida do comboio. A locomotiva, um longo apito e co-





*Os catraieiros, já tradicionais na Baía de Vitória, serão os primeiros a terem seu trabalho registrado em livro, vídeo e fotos, pelo Projeto Memória Viva*



*O dicionário Aurélio define catraia como "pequeno barco tripulado por um homem"*



*Antigamente, o movimento de passageiros era bem maior. As catraias faziam também o transporte de mercadorias para os mercados da Vila Rubim e da Capixaba*

## Tudo feito a partir de depoimentos

Segundo o historiador Luiz Guilherme Santos Neves, o projeto **Memória Viva** deverá ser todo desenvolvido a partir da coleta de depoimentos das pessoas ligadas ao tema abordado. No caso dos catraieiros, Santos Neves e seu parceiro, o historiador Renato Pacheco, colheram os depoimentos **in loco**, ou seja, durante travessias e mais travessias da baía.

"Ali estávamos eu e o Renato, gravador em punho, ouvindo aqueles homens", relata. "O que mais nos emocionou foi o fato de os catraieiros não serem homens sisudos. Eles são muito alegres e estão sempre dispostos a falar sobre seu trabalho, mesmo ganhando pouco. Afinal, cobram pela travessia apenas 50 centavos por pessoa".

Segundo o historiador, os catraieiros adoram falar sobre sua atividade. Tanto que ele e Pacheco conseguiram material de sobra. "O jeito foi nos atermos aos depoimentos mais essenciais", informou. Santos Neves conta que a pesquisa sobre as desfiadeiras de siri da Ilha das Caieiras também já está pronta. Esta atividade é feita por um grupo que varia de 50 a 100 mulheres, de várias idades. Muitas delas fazem da tarefa seu único meio de vida. Outras, apenas reforçam a economia doméstica.

"Este também é um trabalho duro" revela o historiador. "Para desfiar manualmente quatro quilos de siri, cada mulher leva de quatro a cinco horas." Santos Neves ficou impressionado com o fato de as entrevistadas serem conscientes da importância da preservação ambiental: "Elas sabem que está no meio ambiente sua fonte de renda e de alimento. Tanto que fazem críticas duras à pesca de balão, que é predatória." O produto do trabalho das desfiadeiras de siri abastece os restaurantes de Vitória e Vila Velha.

destaque merecido. "Este o nosso papel, como órgão público", diz Alencar. "Fazer com que o cotidiano, o nosso dia-a-dia, seja reconhecido como parte importante de nossa cultura."

A lista de temas a serem abordados é grande. Dela constam as desfiadeiras de siri (Ilha das Caieiras), a procissão de São Benedito, as paneleiras de Goiabeiras, a procissão de São Benedito dos Pretos do Rosário, a construção naval, as bandas de congo, a marujada Cruzador São Paulo (que existiu durante muito tempo no Morro dos Alagoanos), as regatas e personalidades, como a professora de música Áurea Adnet e o pesquisador Adelpho Poli Monjardim, entre outros.

Cada etapa do projeto leva quatro meses para ser concluída. A atual administração só poderá realizar mais umas três, já que o próximo ano será o último do atual mandato. Cada etapa do projeto custa cerca R\$ 10 mil. A primeira delas foi bancada pela PMV, que está agora a procura de parceiros para a realização das seguintes. "No final deste mês vamos encaminhar cópias do projeto a várias empresas, propondo patrocínio", anuncia Alencar.

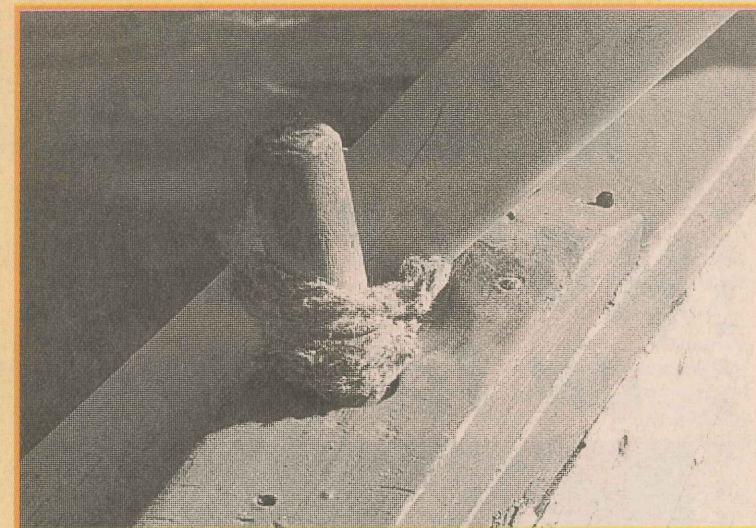
### Personagens

O aumento do número de catraieiros se deu graças ao funcionamento dos terminais ferroviários (Leopoldina e Vitória-Minas) em Paul, onde também terminava a linha que ligava os bonde à Prainha, em Vila Velha. Segundo o depoimentos de alguns catraieiros antigos, como Raimundo Bezerra Cavalcante, de 62 anos, naquele tempo, os bondes, com seus reboques, chegavam a Paul superlotados. O travessia dos passageiros até Vitória era feita por lanchas e barcos (catraias). "Oito ou nove barcos cruzavam a baía carregados, apesar das lanchas", conta.

**E**um detalhe. Naquela época, os catraieiros trabalhavam uniformizados. Todo mundo de botina no pé, faca na cintura, caxangá (chapéu de marinheiro) na cabeça e roupa azul-marinho. Da mesma forma que o pessoal da Marinha Mercante. E todos os catraieiros tinham botar também a gandola, a blusa que os marinheiros vestem por cima da calça azul e da camiseta. Segundo outro ca-

boio. A locomotiva, um longo apito e começou a arfar em ritmo que se foi mais e mais acelerando, para vencer, com menor dificuldade, a rampa de Itacibá."

**O** golpe mais duro para a catraia aconteceu em 1965, quando os bondes foram retirados de circulação em Vila Velha. Como já havia acontecido um pouco antes em Vitória, sob a alegação de que o serviço havia se tornado deficitário. Velhos catraieiros, ainda em atividade, costumam dizer: "Quando acabou o bonde, acabou tudo". Hoje, o movimento de passagei-



ros é reduzido. Mesmo assim, há quem viva da atividade, como Eduardo Pereira, 35 anos, que há cinco anos possui barco próprio, o Jasmim. Antes de ser catraieiro, ele foi pintor de navios. Em seus depoimentos, Pereira enaltece principalmente o trabalho dos velhos catraieiros, como João Santana do Nascimento, o mais antigo na profissão.

Um aspecto que a primeira etapa do **Projeto Memória Viva** vai ressaltar é o fato de o catraieiro ser um homem alegre, apesar de levar uma vida dura. Os velhos catraieiros gostam de lembrar das regatas de botes, em que competiam entre si e com pescadores da Praia do Suá. O percurso a ser coberto era de dois mil metros, indo do cais das lanchas até o Penedo. O vídeo-memória sobre os catraieiros da Baía de Vitória é de autoria de Pery Cavalcante. A exposição fotográfica reunirá 20 fotos em preto e branco de Humberto Capai. O livro é um projeto gráfico de Ângela Cristina Xavier e José Carlos Simonetti Jr. O **Projeto Memória Viva** está sendo coordenado pela pesquisadora Francisca Proba.